

Meio Ambiente O direito à água

Alerta para degradação de NASCENTES NO DF

Levantamento feito pela Secretaria de Agricultura mapeou 119 mananciais na região da Serrinha do Paranoá, no Lago Norte. Desse total, 21% apresentavam condições ambientais ruins ou péssimas e 37%, razoáveis

» EDUARDO PINHO

Estudo inédito realizado pela Secretaria de Agricultura do Distrito Federal (Seagri-DF), em parceria com o Instituto Oca do Sol e o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, traçou o mais completo retrato ambiental já feito sobre as nascentes da Serrinha do Paranoá, a maior área natural do entorno do Lago Paranoá (leia Saiba mais).



O diagnóstico, concluído este ano, revela uma realidade preocupante: a degradação avança sobre as fontes de água que abastecem o principal reservatório de Brasília, com impactos que vão da poluição à redução da vazão e à perda de cobertura vegetal.

Ao longo de quase dois anos, técnicos e pesquisadores percorreram estradas de terra, trilhas e propriedades rurais para identificar, georreferenciar e avaliar 119 nascentes distribuídas entre as microbacias do Bananal, Torto, Urubu, Taquari, Palha, Jerivá, Capoeira do Bálsamo, Olhos d'Água e Tamanduá.

De acordo com o trabalho, boa parte dos mananciais da Serrinha apresenta algum nível de degradação, medido pelo Índice de Impacto Ambiental de Nascentes (II-AN), método que avalia o grau de conservação e os principais fatores de pressão sobre cada ponto de água. Das 119 avaliadas, mais de 60% estão em situação de médio a alto impacto, e apenas uma parcela reduzida mantém características naturais bem preservadas, com vegetação ciliar densa e água cristalina.

Entre os principais problemas identificados, estão a redução da vazão (algumas nascentes, inclu-

Arquivo pessoal



Rodrigo Werneck e a bióloga Alba Evangelista, coordenadora do Instituto Oca do Sol

Arquivo pessoal



Adna Santos, 63, mora na Serrinha do Paranoá



Aponte a câmera do celular e baixe a íntegra do estudo

espécies exóticas como leucena, margaridão e braquiária — plantas agressivas, que se dispersam facilmente e dificultam o retorno da vegetação nativa”, explicou.

Para Werneck, a ocupação humana na Serrinha segue um padrão curioso e contraditório: busca-se a paisagem natural, enquanto se elimina justamente o que garante essa paisagem. Segundo ele, parte dos novos moradores quer “o silêncio, o verde e o cheiro do campo”, mas, ao mesmo tempo, amplia casas, acende fogo para limpar áreas, constrói muros sobre córregos e avança sobre áreas de preservação permanente.

Apesar disso, o diagnóstico mostrou que quase todos os proprietários estariam dispostos a recuperar os mananciais caso recebessem orientação técnica e apoio do Estado. Por isso, Werneck acredita que a Serrinha ainda tem tempo para se recuperar. “O mais importante, agora, é transformar o relatório em ação concreta, combinando ciência, fiscalização e participação social”.

A fim de mitigar o problema, o relatório recomenda uma combinação de revegetação nativa, controle de espécies invasoras, proteção física das nascentes, saneamento adequado, participação comunitária e políticas públicas permanentes como caminho para recuperar as fontes de água da Serrinha do Paranoá.

“A gente já sabe onde estão os pontos críticos, o que precisa ser plantado e como fazer”, resumiu o engenheiro ambiental, destacando que proteger as nascentes é proteger o futuro de Brasília. “Se a gente cuida da Serrinha, cuida do Lago Paranoá — e, no fim das contas, cuida de quem vive aqui”.

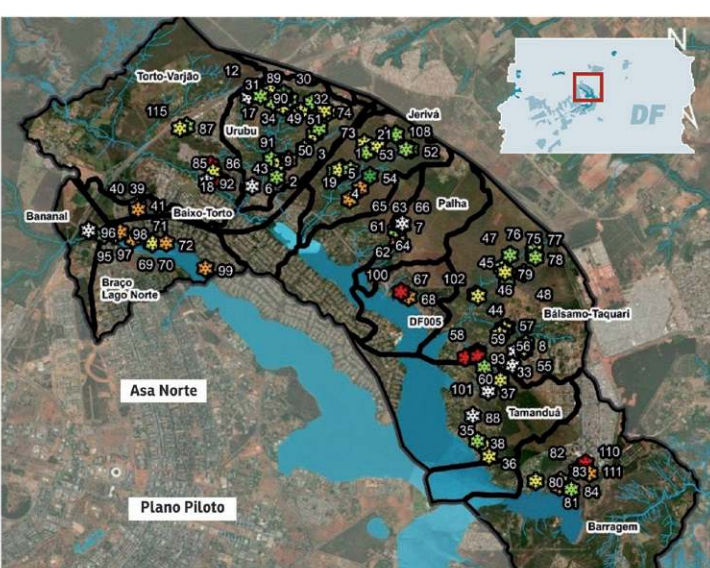
Localização da Serrinha do Paranoá

LEGENDA:

Índice de impacto ambiental das nascentes proposto por Gomes, Melo e Vale (2005)

● A (Ótimo) ● B (Bom) ● C (Razoável) ● D (Ruim) ● E (Péssimo) ○ Não Iden./Aut.

editoria de arte



sive, se tornaram temporárias); ocupações irregulares, com pressão imobiliária crescente, especialmente nas bordas urbanas do Lago

Norte, Varjão e Taquari; poluição por lixo e esgoto, sendo que, em algumas áreas, fossas rudimentares contaminam o lençol freático;

perda de vegetação nativa e presença de espécies invasoras (a substituição do Cerrado por pastagens e monocultivos reduziu drasticamente a proteção natural das nascentes); e erosão e assoreamento: a falta de mata ciliar facilita o carreamento de sedimentos para os mananciais, aumentando a turbidez da água e afetando a fauna aquática.

“Em alguns pontos, o que antes era uma nascente, virou apenas um brejo ou um filete de água. É um processo silencioso, mas contínuo”, observa o engenheiro ambiental Rodrigo Oliveira Werneck, do Instituto Oca do Sol, responsável pela cartografia do estudo. “Quando a Serrinha perde vazão, o Lago Paranoá sente”, alerta.

Desconhecimento

Segundo Werneck, das 119 nascentes mapeadas, apenas cerca de 20 estão em áreas públicas. O restante, em propriedades privadas. O desconhecimento sobre a existência dos mananciais chamou a atenção do engenheiro ambien-

tal durante o estudo. “Muita gente nem sabia que tinha uma nascente dentro da própria casa. A gente chegava com o mapa, mostrava, e a pessoa dizia: ‘Ué, mas isso aqui é nascente?’”, relatou.

Além da falta de informação, ele aponta o fácil acesso como um fator que aumenta o risco de contaminação dos mananciais. A nascente que fica perto da Praia do Lago Paranoá, por exemplo, conhecida como “Bica”, onde os ciclistas costumam parar para pegar água, é um caso extremo de exposição e pressão humana sobre uma nascente, segundo o especialista. “Ela está praticamente no acostamento da rodovia, totalmente exposta, com risco de contaminação e erosão, num local onde há incêndios frequentes”, comentou.

Outro desafio, conforme o especialista, é o tipo de vegetação que hoje ocupa grande parte da Serrinha. “Muitas áreas, onde originalmente havia campo limpo, Cerrado sensu stricto ou mata de galeria, acabaram tomadas por

Moradores buscam soluções

A redução da vazão das nascentes da Serrinha do Paranoá não é percebida apenas pelos levantamentos técnicos, mas, também, por quem vive há décadas no território. Moradora do Núcleo Rural Tamanduá desde 2005, a líder comunitária Adna Santos de Araújo viu a qualidade e o volume da água no local se deteriorarem. “Quando cheguei aqui, o córrego Tamanduá tinha uma força incrível. A gente bebia a água, cozinhava, tomava banho. Era limpa, cristalina”, lembrou.

Segundo ela, o avanço das construções (muitas irregulares), a pa-

vimentação e a expansão urbana alteraram de forma evidente o fluxo hídrico. “Hoje, a água está contaminada. O córrego só continua existindo porque a gente limpa e cuida”, afirma. Sem recursos ou assistência técnica, muitos moradores dependem de mutirões e parcerias voluntárias, como no caso da nascente do Tamanduá.

Para ela, a solução passa por uma ação coordenada do poder público com caráter educativo — e não apenas punitivo. “Ninguém aprende só dizendo que é proibido construir, que ocupação irregular dá cadeia. É preciso explicar por quê”, defende. Ela propõe uma campanha permanente sobre emergência climática, escassez hídrica e impactos das ocupações na região. “Quando uma nascente morre, não morre só uma fonte d’água. Morre comida, morre produção, morre futuro.”

A importância da área

A Secretaria de Agricultura do Distrito Federal (Seagri-DF) afirmou que o diagnóstico das nascentes da Serrinha do Paranoá foi motivado pela necessidade de identificar e mapear os recursos naturais presentes em áreas rurais estratégicas. Segundo a pasta, o levantamento é uma etapa essencial para orientar políticas de manejo e prevenção, garantindo que a produção agrícola local ocorra de maneira compatível com a conservação ambiental. A secretaria destacou, ainda, que a agricultura, quando conduzida de forma sustentável, pode ser mais eficiente na proteção da paisagem e dos recursos hídricos do que o avanço urbano desordenado — considerado hoje o principal vetor de pressão na região.

Sobre a implementação das medidas recomendadas no relatório — como cercamento de APPs, restauração vegetal e manejo adequado do solo — a pasta não informou orçamento nem cronograma específicos, mas afirmou que suas ações estão

alinhadas ao Plano Plurianual e ao planejamento estratégico do governo. A secretaria citou, ainda, o programa Reflorestar, que vem estimulando práticas conservacionistas no Distrito Federal e promovendo apoio técnico aos produtores.

O Brasília Ambiental (Ibram) reconheceu que, embora a Serrinha esteja dentro de duas Áreas de Proteção Ambiental (APAs), esse tipo de unidade prevê ocupações particulares em seu interior, o que explica parte da complexidade fundiária no local. Segundo o órgão, muitas das ocupações identificadas não são ilegais, mas fruto de cessões públicas antigas ou parcelamentos irregulares ainda em disputa administrativa. O Ibram informou que a criação de uma unidade de conservação de proteção integral na área não é viável no momento, mas há debates sobre a criação do Parque Distrital Pedra dos Amigos em trecho específico.

A Caesb reconheceu a importância ambiental da Serri-

nha e informou que monitora de forma contínua a qualidade da água nas microbacias que alimentam o Lago Paranoá. A companhia afirmou que a água captada passa por tratamentos avançados, incluindo ultrafiltração, garantindo padrões de potabilidade mesmo diante de casos pontuais de contaminação. A empresa também disse, em nota, investir na modernização de estações de tratamento de esgoto e no combate a ligações clandestinas, afirmando apoiar iniciativas de conservação e recuperação ambiental na região.

Responsável pela fiscalização de ocupações irregulares, o DF Legal informou que a Serrinha do Paranoá é uma das áreas prioritárias monitoradas por georreferenciamento. A pasta afirmou que, de janeiro de 2024 a outubro de 2025, realizou 166 ações de fiscalização e 57 operações voltadas ao combate a parcelamentos ilegais — número significativamente maior que o registrado no ano anterior.

Saiba mais

Essencial para o Lago

A Serrinha do Paranoá desempenha um papel estratégico para a manutenção do Lago Paranoá. Localizada na região que concentra a maior quantidade de nascentes conectadas ao reservatório, ela funciona como uma das principais áreas de recarga hídrica do Distrito Federal. Ali se originam cursos d’água fundamentais para alimentar o lago, garantindo fluxo contínuo e contribuindo para a regulação do nível e da qualidade da água. O relatório aponta que essa conexão não é apenas física, mas ecológica. A vegetação nativa do Cerrado presente na Serrinha — especialmente campos úmidos, matas de galeria e áreas de vereda — atua como filtro natural, retraindo sedimentos, regulando a infiltração da água da chuva e reduzindo a contaminação por esgoto, resíduos e substâncias químicas. Sem essa barreira ecológica, o lago ficaria mais sujeito ao assoreamento, eutrofização e perda de biodiversidade.

119 nascentes mapeadas na Serrinha do Paranoá

31% ótimas ou boas

37% razoáveis

21% ruim ou péssima